

A crise financeira americana e a Contabilidade

Por Elenito Elias da Costa

O autor levanta neste trabalho uma série de interrogações para ajudar a perceber a crise financeira com origem nos Estados Unidos e qual o papel e responsabilidade de contabilistas e auditores.



Elenito Elias da Costa
Professor universitário
Analista económico e financeiro
Consultor do IBRACON (Instituto
dos Auditores Independentes
do Brasil)

A Contabilidade é uma ciência que mede ou regista os factos e actos administrativos de um determinado património vinculado a uma entidade.

Auditoria é uma técnica utilizada por profissionais habilitados que, com o uso dos princípios de auditoria geralmente aceites, visa atestar através de um parecer a veracidade dos factos através de amostragem e a veracidade das demonstrações financeiras com o património da entidade.

Perícia é uma técnica utilizada por profissional habilitado para responder os quesitos formulados de modalidade proba e licita, para que o tomador proceda ao seu julgamento diante das respostas solicitadas. A Contabilidade apresenta a posição do património da entidade na data de sua realização através das suas demonstrações, obedecendo aos princípios de Contabilidade geralmente aceites e o que está prescrito na Lei n.º 6 404/76 e alterada pela Lei n.º 11 638/2007. Se a SEC (*Securities Exchange Commission*), entidade americana, igual a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) no Brasil tem o poder de regulamentar e disciplinar as demonstrações financeiras dos bancos e de instituições financeiras similares, exigindo que as suas demonstrações sejam elaboradas por profissional devidamente capacitado e qualificado, sendo a seguir auditadas por auditoria independente que, após exames e vistorias, visa expedir um parecer, atestando a veracidade das demonstrações em perfeita sintonia com o património da entidade, sabendo que o auditor independente está vinculado a uma das *big five* das melhores auditorias do mundo, como podemos entender que nesta crise financeira não havia indícios claros da sua gravidade e tamanho?

Os bancos e demais instituições similares ofereceram créditos a pessoas que não tinham o mínimo de garantia e esse facto não foi previamente detectado pela Reserva Federal Americana (FED), na época presidida pelo brilhante Alan Greenspan e hoje pelo brilhante Ben Bernanke. O estranho é que após dez anos de Alan Greenspan, este resolve entregar a presidência no ano da ocorrência da maior crise financeira americana após 1929/1930.

Não é estranho que as demonstrações financeiras e contabilísticas dessas instituições fossem auditadas por independentes que expediam um parecer sem ressalva para essas instituições e essa documentação proba e licita foi aceite e acatada pela FED sem nenhuma restrição, possibilitando a continuação das suas actividades económicas?

Não é estranho que essas instituições financeiras continuassem com as suas acções negociadas em bolsa de valores continuando valorizadas sem nenhuma restrição da SEC ou do FED, ou mesmo de nenhuma agência que presumidamente analise e avalia o referido mercado?

Após escândalos financeiros como a Enron e Worldcom, que resultou na elaboração da SOX e de vários outros documentos, mesmo assim, aconteceu o estouro da crise financeira americana.

Não é estranho que o escritor William F. Mahoney, autor da bíblia dos profissionais de relações com investidores, um guia dos profissionais para *marketing* financeiro e comunicação, não tenha alertado para esse grave facto que hoje assusta a economia do mundo globalizado? Não parece estranho que, após a reeleição do presidente Bush, e o aumento da dívida interna americana, proveniente da sustentação de diversos conflitos armados em diversos países, onde facilmente foi encontrado o ditador do Iraque e ainda não foi encontrado o autor intelectual do atentado ter-

rorista que dizimou as torres gémeas e milhares de vidas?

Não é estranho que os dois partidos americanos, Democrata e Republicano, fiquem sempre trocando de mandatos e presidentes, sempre levantando a bandeira da democracia onde se apregoa a liberdade económica e tem a mais moderna tecnologia e o melhor aparato de informações, não terem percebido antecipadamente a citada crise? Não é estranho que a hecatombe financeira americana tenha reflexos em todo o mundo globalizado, onde o actual presidente estava perdendo aliados para a sustentação e manutenção da paz nas áreas de conflito armado, assumindo praticamente o ónus do custo da sua manutenção? Não parece estranho que as modernas técnicas de transparências derivativas da actual legislação americana não tenham notado nas demonstrações e pareceres dos auditores nenhum facto que possibilitasse a identificação inicial da crise financeira?

Não é estranho que tendo as melhores universidades do mundo, com os melhores profissionais, com sistemas de alta tecnologia, não fossem capazes de identificar e sanar previamente essa crise evitando o seu descalabro mundial?

Não é estranho que, tendo uma escola de contabilidade mais evoluída não tenha as demonstrações transparentemente elaboradas, incapazes de proceder a uma pequena análise que pudesse identificar o início da crise financeira? Será que os investidores não visualizaram que o casino existente um dia poderia ir ao fundo, com promessas fantasiosas de lucro fácil, ou será que sabiam da ajuda do governo por ter participação directa ou indirecta na crise financeira?

As demonstrações, balanço patrimonial, demonstração de resultados do exercício, demonstração de origens e aplicação de recursos, demonstração de lucros e/ou prejuízos acumulados e notas explicativas, relatório da administração, parecer de auditoria, demonstração do fluxo de caixa não seriam suficientes para identificar previamente a crise financeira americana, se tivessem sido analisados e avaliados periodicamente conforme determina a legislação? Não é estranho que entre os 20 maiores bancos americanos citados na lista da FED e do Tesouro americano, estejam o American Express e o MasterCard, bancos de investimento que libertam crédito em todo o globo, criando dinheiro de plástico que atinge todas as camadas, e até ao momento não sofre-

ram nenhuma restrição ou mesmo um simples comentário?

Será que os contabilistas, auditores internos e independentes e peritos jamais desconfiavam que as demonstrações dessas entidades exaravam factos, no mínimo, estranhos, ou não era interessante divulgar esses factos, pois os mesmos poderiam chamar a atenção dos investidores que preferem o lucro fácil, e são eles que verdadeiramente alimentam o sistema do mercado de acções?

As análises financeiras, as análises comparativas, os índices económicos e financeiros aplicados não reflectiam uma suspeita do que poderia acontecer com essas entidades, já que tinham todo o aparato profissional e legal que identificasse essa situação previamente, ou isso poderia resultar numa bolha inimaginável? Não é estranho que o Tesouro americano utilize dinheiro público para sanar gestões, no mínimo, fraudulentas e eivadas de vícios das entidades financeiras, onde todos corroboraram para a existência da crise financeira mundial?

Não é estranho que a estatização dessas entidades, através do processo de ajuda financeira, representa a intervenção do Estado na economia, tese essa, repelida historicamente pela democracia americana? Não é estranho que, para conter o agravamento da dívida interna americana, sem implicar no estilo de vida do americano, seja necessário a criação de uma crise descomunal que atinja todas as economias globalizadas?

Não é estranho que essa crise financeira americana tenha eclodido no momento em que a economia americana estava declinando quando comparada com outras economias de países emergentes e isso é inaceitável para o americano moderno?

Não é estranho que esses acontecimentos nos levem à reflexão de que, o que realmente importa e movimenta o mundo não é a acção humanitária mas a acção negociada em bolsa de valores, ou seja, o capital?

O presente artigo vem declinar a reflexão que a Contabilidade, a Auditoria e a Perícia Contabilística, se exercidas de forma transparente, profissional e responsável deveriam identificar previamente a existência de factos que resultaram na actual crise financeira americana. ■

(Texto recebido pela CTOC em Outubro de 2008)